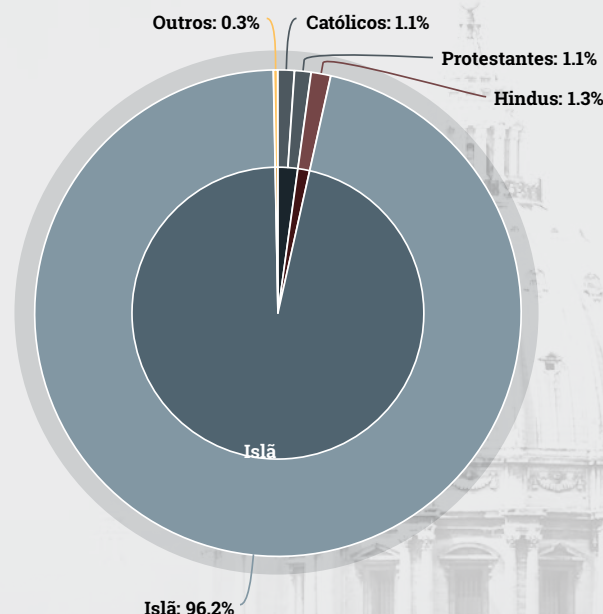


Paquistão



DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

Quando o Paquistão foi criado após a divisão da Índia em 1947, foi fundado como estado secular. Mas o seu caráter distintamente muçulmano surgiu gradualmente, levando-o a ser renomeado como República Islâmica do Paquistão, em 1956. A “Terra dos Puros” (a palavra Paquistão é um neologismo criado a partir da palavra Pak, que significa ‘puro’ em urdu, e a palavra Stan, que significa terra, com o acréscimo de um ‘i’ para facilitar a pronúncia^[1]) adotou um programa abertamente islâmico sob a ditadura do General Zia ul-Haq, que governou de 1977 a 1988, à medida que a lei islâmica (*sharia*) influenciava cada vez mais o sistema legal do Paquistão. Nos últimos anos, tentativas de governos sucessivos em Islamabad de combater a violência sectária e a discriminação contra os não muçulmanos apenas tiveram um sucesso modesto, enquanto a própria sociedade paquistanesa se islamizou ainda mais.

A Constituição de 1973 afirma no seu preâmbulo e nos artigos 20º, 21º e 22º que todos os cidadãos gozam da liberdade de praticar e professar livremente a religião à sua escolha.

[1] O nome Paquistão também é um acrônimo da década de trinta baseado no nome das cinco províncias do país: Punjab, Afghania (agora Khyber Pakhtunkhwa), Caxemira, Sindh e Balochistão.

Contudo, este direito à liberdade religiosa é limitado consideravelmente pelas estruturas constitucionais, legais e políticas do Paquistão, que garantem que as minorias religiosas não são tratadas com a mesma igualdade que os muçulmanos.

O artigo 2º da Constituição afirma que o Islamismo é a religião do Estado. O chefe de Estado deve ser muçulmano (artigo 41.2º), o primeiro-ministro também deve ser muçulmano (artigo 91.3º) e o Tribunal Federal Islâmico tem direito a invalidar qualquer lei contrária ao Islã ou a sugerir alterações (seção 203E). Além disso, as chamadas leis da blasfêmia, que foram incorporadas no Código Penal do Paquistão em 1986 (seções 295 B, 295 C, 298 A, 298 B, 298 C), limitam seriamente a liberdade religiosa e a liberdade de expressão. Profanar o Corão e insultar Maomé são ofensas puníveis, respectivamente, com pena de prisão perpétua e pena de morte. Na vida diária, estas leis são muitas vezes usadas para perseguir minorias religiosas.

INCIDENTES

Um incidente ilustra os problemas dos ataques por motivos religiosos no país. No domingo de Páscoa, 27 de março de 2016, um ataque suicida atingiu famílias que tinham vindo com os seus filhos para o Parque Gulshan-i-Iqbal, em Lahore (Punjab). Nessa noite, setenta e oito pessoas perderam a vida. De acordo com um responsável dos serviços de emergência, morreram trinta e uma crianças, nove mulheres e trinta e oito homens, e ficaram feridas mais cerca de 300 pessoas. Os mortos incluíram cinquenta e quatro muçulmanos e vinte e quatro cristãos. Este foi o ato mais sangrento desde

dezembro de 2014, quando um ataque contra uma escola mantida pelo exército na fronteira afegã matou 132 alunos. Depois do ataque suicida de Lahore, um porta-voz do grupo talibã Jamaat-ul-Ahrar, uma facção rival do movimento talibã paquistanês Tehreek-e-Taliban, reivindicou responsabilidade da explosão, afirmando que tinha tido “por alvo os cristãos”.^[2]

Não é a primeira vez que terroristas suicidas atacam cristãos. Em 15 de março de 2015, um duplo ataque a duas igrejas em Lahore, cuja responsabilidade o Jamaat-ul-Ahrar também reivindicou, matou dezessete pessoas.^[3] E em setembro de 2013, dois homens bombas fizeram-se explodir no pátio de uma igreja em Peshawar num domingo, matando mais de oitenta pessoas.^[4] Mesmo assim, o novo ataque pôs em destaque o estatuto precário das minorias religiosas do Paquistão.

Advogados que garantem o cumprimento das leis da blasfêmia

Num país cujo sistema legal se baseia na lei britânica, poderá pensar-se que, até certo ponto, o estado de direito pode ser uma salvaguarda contra a islamização da sociedade, ou pelo menos que as minorias podem encontrar um recurso legal para se defenderem contra a violência de rua por parte de membros da maioria muçulmana. Infelizmente, não parece ser esse o caso.

Para “quem quer que cometa esta (blasfêmia), o único castigo é a morte”, disse Ghulam Mustafa Chaudhry, chefe de um grupo de advogados em Lahore que garante, discretamente mas com muita certeza, que as leis da blasfêmia são rigorosamente aplicadas.

Segundo a *Reuters*,^[5] o grupo de Chaudhry, o Fórum de Advogados *Khatm-e-Nubuwwat*, que numa tradução livre significa ‘Movimento para a Defesa do Profeta’, usa os seus conhecimentos e influência para garantir que quem quer que insulte o Islã ou o Profeta Maomé é acusado, julgado e executado.

No caso do governador do Punjab Salman Taseer,^[6] que foi assassinado em janeiro de 2011 pelo seu guarda-costas por

desafiar as leis da blasfêmia e defender uma mulher cristã, Asia Bibi,^[7] Ghulam Mustafa Chaudhry deu aconselhamento jurídico ao acusado, Mumtaz Qadri, mas teve pouco sucesso, porque Qadri foi condenado à morte e executado em 29 de fevereiro de 2016. Contudo, o seu funeral em Islamabad em 1º de março deu a centenas de milhares de islamitas uma oportunidade para demonstrarem o seu apoio a alguém que consideraram um herói. Para Chaudhry, Mumtaz Qadri estava no seu direito quando matou Salman Taseer, pois este tinha cometido a blasfêmia de desafiar as leis em público.

Abundância de execuções extrajudiciais

Até agora, ninguém foi executado por blasfêmia no Paquistão, mas, nas prisões do país, o corredor da morte está aumentando. Das aproximadamente 8 mil pessoas condenadas à morte, mais de mil foram encarceradas por blasfêmia.^[8] Uma delas é Asia Bibi, uma mulher cristã cujo acusador foi apoiado por um advogado do *Khatm-e-Nubuwwat* no seu julgamento inicial e nos recursos.

No entanto, mesmo as autoridades governamentais, que ainda não executaram ninguém condenado por blasfêmia, apesar de terem realizado 330 execuções desde dezembro de 2014, não conseguiram impedir as execuções extrajudiciais.^[9] De acordo com o Centro de Investigação e Estudos de Segurança, um grupo de reflexão paquistanês independente, pelo menos sessenta e cinco pessoas foram assassinadas desde 1990, incluindo juizes e advogados, por suspeitas de blasfêmia ou por defenderem pessoas acusadas de blasfêmia.^[10]

Fora estes casos extremos, a disposição no Paquistão tornou-se mais ameaçadora nos últimos anos. Foram feitas ameaças contra a comunicação social e contra jornalistas de grande visibilidade quando estes tentaram cobrir iniciativas que questionavam as leis da blasfêmia ou procuravam regular a sua implementação. Nas audições que envolviam casos de blasfêmia, os advogados do *Khatm-e-Nubuwwat* e os ativistas enchem frequentemente as salas dos tribunais para intimidar os presentes. Para Saif ul-Malook, um advogado que defendeu pessoas acusadas de blasfêmia em salas de tribunal cheias de advogados do lado oposto que

[2] Dawn, “At least 72 killed in suicide blast as terror revisits Lahore”, 28 de Março de 2016 (<http://www.dawn.com/news/1248259>).

[3] Eglises d’Asie, “Obsèques sous haute tension pour les victimes du double attentat de Youhanabad”, 17 de Março de 2015 (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2015-03-17-obseques-sous-haute-tension-pour-les-victimes-du-double-attentat-de-youhanabad>).

[4] Eglises d’Asie, “L’attentat sans précédent commis à la All Saints Church de Peshawar interroge le bien-fondé des négociations menées par le gouvernement avec les talibans”, 23 de Setembro de 2013 (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2013-09-23-l2019attentat-sans-precedent-commis-a-la-all-saints-church-de-peshawar-interroge-le-bien-fonde-des-negociations-menees-par-le-gouvernement-avec-les-talibans>).

[5] Reuters, “Pakistani lawyers’ group behind spike in blasphemy cases”, 6 de Março de 2016 (<http://www.reuters.com/article/pakistan-blasphemy-lawyers-idUSKCN0W905G>).

[6] Eglises d’Asie, “Loi sur le blasphème: la famille de Salman Taseer refuse «le prix du sang», 12 de Março de 2015 (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2015-03-12-loi-sur-le-blasphe-me-la-famille-de-salman-taseer-refuse-ab-le-prix-du-sang-bb>).

[7] Eglises d’Asie, “Sa condamnation à mort confirmée, Asia Bibi en appelle de nouveau au pape”, 31 de Outubro de 2014 (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2014-10-31-sa-condamnation-a-mort-confirnee-asia-bibi-en-appelle-de-nouveau-au-pape>).

[8] Segundo a Comissão Justiça e Paz da Conferência Episcopal Católica do Paquistão, 964 pessoas foram condenadas por blasfêmia entre 1986 e 2009. Este número inclui 479 muçulmanos, 119 cristãos, 340 ahmadis, catorze hindus e dez pessoas de outras religiões. Dos 1.537 casos registados de blasfêmia, 41,18 casos envolvem muçulmanos (que são 96,4% da população), 32,14% envolvem ahmadis, 13% envolvem cristãos (2% da população) e 1,36% envolvem hindus (1,5% da população).

[9] Eglises d’Asie, “Record d’exécutions capitales en 2015”, 11 de Dezembro de 2015 (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2015-12-11-triste-record-d2019executions-capitales-en-2015>).

[10] Eglises d’Asie, “La mort atroce d’un couple de chrétiens pakistanais souligne l’urgence à réformer les lois anti-blasphème”, 7 de Novembro de 2014 (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2014-11-07-la-mort-atroce-d2019un-couple-de-chrétiens-pakistanais-souligne-l2019urgence-a-reformer-les-lois-anti-blasphe-me>).

tentavam impedir que ele falasse, “as suas ações baseiam-se na intimidação”. De acordo com este advogado, eles procuraram intimidar todos: os acusados, os juizes, os advogados de defesa e os familiares dos acusados.

As coisas mudaram desde a primeira década do séc. XXI, quando os advogados se manifestaram contra as medidas repressivas do então presidente Pervez Musharraf (no poder de 2001 a 2008). Nessa altura, os defensores da democracia, como o Movimento de Advogados,^[11] o Movimento para o Restabelecimento do Poder Judicial e o *Black Coat Protests* eram uma característica da sociedade paquistanesa. Agora, estes grupos parecem ser muito menos visíveis e os advogados que procuram uma maior islamização da sociedade parecem ter maior expressão. Num contexto deste tipo, só se pode indignar-se com os atos de violência contra as minorias religiosas. Contudo, esta violência também é dirigida contra os muçulmanos.

Num país onde a comunidade muçulmana está dividida entre sunitas (75%) e xiitas (25%), os ataques contra os xiitas são mais comuns. Assim, em 13 de dezembro de 2015, vinte e três pessoas foram mortas e mais de trinta ficaram feridas num ataque à bomba num bazar cheio de pessoas numa região xiita do noroeste do país. A explosão ocorreu no mercado de Eidgah, em Parachinar, uma vila habitada por minorias xiitas localizada na área tribal semiautônoma de Kurram.^[12] O grupo sunita Lashkar-e-Jhangvi, que é próximo da Al-Qaeda, reivindicou a responsabilidade do ataque, culpando os xiitas pelo seu apoio ao Irã e ao presidente sírio Bashar al-Assad.

Assassinato de um bloguer xiita, aliado do diálogo interreligioso

Em 7 de maio de 2016, um bloguer xiita, Khurram Zaki, de 40 anos, foi crivado de balas de uma Kalashnikov quando jantava num restaurante em Karachi.^[13] Geria um blog chamado *Let us build Pakistan* (Vamos construir o Paquistão), dedicado aos assuntos políticos e religiosos atuais do país. Tinha alcançado notoriedade ao manifestar-se no exterior da Mesquita Vermelha, um santuário islâmico no coração de Islamabad, devido à recusa do diretor da mesquita, Abdel Aziz, em condenar os ataques talibãs a uma escola gerida pelo exército em Peshawar, em 16 de dezembro de 2014. O seu blog denunciava as carências democráticas do seu país e o seu extremismo religioso, dois problemas interligados que impediam, segundo ele, os Paquistaneses de construir a sua sociedade. Várias imagens apresentam-no com membros do clero cristão do Paquistão em procissões religiosas. Foi até visto transportando uma cruz, um gesto com terríveis

consequências para um muçulmano, pois, de acordo com a tradição islâmica, Cristo nunca foi crucificado.

Os ahmadis, uma comunidade perseguida

As pessoas que os muçulmanos da corrente dominante consideram hereges também estão sujeitas à violência. É o caso dos ahmadis do Paquistão. Desde que foi adotada uma alteração constitucional em 1974, os ahmadis, que consideram o seu fundador, Mirza Ghulam Ahmad, como profeta, não têm direito de se chamarem muçulmanos ou a chamarem de mesquitas às suas casas de culto. Calculada em dois a quatro milhões de membros, esta comunidade é regularmente perseguida. De acordo com um relatório ahmadi publicado em 25 de abril de 2016, 248 ahmadis foram mortos devido à sua filiação religiosa entre 1984 e 2015. Durante o mesmo período, vinte e sete dos seus locais de culto foram destruídos e trinta e nove dos seus cemitérios foram profanados. São igualmente frequentes os atos de violência contra os não muçulmanos.

Sequestrada para se casar à força e ser “convertida” ao Islamismo

O problema dos casamentos forçados das jovens é uma das formas mais sutis de violência contra as minorias. Para a comunidade hindu, a conversão forçada de mulheres e moças hindus tornou-se um grande problema nos últimos anos em Sindh (os hindus são cerca de 2,5 milhões em relação aos aproximadamente 191 milhões de habitantes do Paquistão e estão majoritariamente concentrados na província de Sindh). De acordo com a Associação Hindu Panchayat do Paquistão, perto de mil moças ou mulheres de Sindh são forçadas a se converterem ao Islamismo todos os anos, uma prática que desencadeou um êxodo de famílias hindus para a vizinha Índia.^[14]

Desenvolvimentos na área jurídica em fevereiro de 2016 poderão diminuir este problema. No Paquistão, não há casamento civil. Até recentemente, os hindus, ao contrário dos muçulmanos e dos cristãos, não podiam registrar o seu casamento junto das autoridades civis, o que complicava o seu dia a dia em relação a pedidos de documentos de identificação, direitos de propriedade e heranças. Para as mulheres hindus, a situação era ainda mais difícil. O Paquistão não reconhecia o seu estado civil e por isso elas eram consideradas solteiras, mesmo que fossem casadas com um hindu, o que as tornava presa fácil dos que sequestram mulheres não muçulmanas.

Uma disposição específica na nova lei adotada desencadeou controvérsia, pois anulava um casamento hindu caso um dos cônjuges se convertesse ao Islamismo. A minoria hindu temia que isto fosse um cheque em branco para os sequestradores de mulheres hindus. “A cláusula pode ser indevidamente usada para converter à força mulheres hindus casadas, da

[11] Le Monde, “Pakistan: la révolte des robes noires”, 3 de Outubro de 2007 (http://www.lemonde.fr/asia-pacifique/article/2007/10/03/pakistan-la-revolte-des-robes-noires_962476_3216.html).

[12] Dawn, “At least 22 dead in Parachinar clothes market blast”, 14 de Dezembro de 2015 (<http://www.dawn.com/news/1226103>).

[13] New York Times, “Pakistani Rights Activist, Khurram Zaki, Is Fatally Shot in Karachi”, 8 de Maio de 2016 (<http://www.nytimes.com/2016/05/09/world/asia/pakistani-rights-activist-is-shot-and-killed-in-karachi.html>).

[14] Voice of America, “Pakistani Hindus Complain of Forced Conversion of Teenage Girls”, 18 de Março de 2016 (<http://www.voanews.com/content/pakistani-hindus-complain-of-forced-conversion-of-teenage-girls/3243234.html>).

mesma forma que jovens foram sequestradas e forçadas a se converter a outras religiões”, disse Ramesh Kumar Vankwami no Pakistan Herald de 18 de fevereiro de 2016.^[15]

O político da Liga Muçulmana do Paquistão Ramesh Kumar Vankwami apelou a que a cláusula fosse retirada e a mesma foi tornada nula depois dele ter garantido o apoio do Comitê de Direitos Humanos do Senado. O senador Farhatullah Babar disse que esta disposição teria sido “uma grave violação dos direitos dos Hindus”. Vankwami tem esperança que uma nova disposição legal, que reconheça oficialmente o estado civil das mulheres hindus, vá limitar o número de conversões forçadas.

Além das jovens sikhs e hindus serem vítimas de sequestro, conversão forçada e casamento, as jovens e meninas cristãs também são atacadas pelos sequestradores.

Em setembro de 2015, em Pattoki, província de Punjab, Nabila Bibi, uma mulher cristã de 22 anos, foi sequestrada por quatro homens armados na frente de sua mãe e irmã. Depois “converteu-se” ao Islamismo e foi forçada a casar com um muçulmano. Quando o pai da jovem, Bashir Masih, apresentou queixa, a polícia se recusou a registrar a queixa, afirmando que os sequestradores tinham confirmado à polícia que a sua filha tinha se decidido voluntariamente converter-se ao Islamismo e a casar com um muçulmano.

Bashir Masih recorreu então a Sardar Mushtaq Gill, um advogado cristão que encabeça a ‘Lead’, uma ONG que dá apoio legal gratuito a cristãos que precisam. Em 18 de fevereiro de 2016, depois de quatro meses de investigação, o advogado conseguiu finalmente uma ordem do tribunal de Pattoki solicitando uma investigação sobre o sequestro e conversão forçada de Nabila Bibi. “Na maior parte dos casos, os sequestradores usam a conversão como cobertura legal para escaparem à punição por sequestro e violação de vítimas”, disse Gill à *UCANews* em 19 de fevereiro. E continuou: “Mesmo que a jovem seja devolvida à sua família, a vida dela está arruinada”, acrescentando: “Disseram à minha filha que, se ela renunciasse ao Islã e se reconverter ao Cristianismo, será declarada uma *murtad* (apóstata).”^[16]

Cristãos forçados ao exílio

Juntamente com os hindus, os cristãos são outra minoria religiosa principal no Paquistão, correspondentes a pouco mais de 2% dos 191 milhões de habitantes do Paquistão. Originalmente, hindus de castas inferiores que se converteram no séc. XIX, ainda são discriminados e estigmatizados, e pertencem majoritariamente às classes sociais baixas da sociedade paquistanesa, empregados em funções

subvalorizadas como varredores de rua ou lixeiros. Muitos sofrem regularmente perseguição, das leis da blasfêmia às conversões forçadas, raptos de moças e mulheres, e tentam fugir do seu país.^[17] Alguns fugiram para a Tailândia, onde ainda podem viajar com um visto de turismo. Contudo, uma vez ali, o ACNUR demora a colocá-los sob a sua proteção. Calcula-se que 99% dos 6 a 7 mil refugiados cristãos paquistaneses na Tailândia já não têm documentos válidos. Em abril de 2016, relatos de imprensa revelaram que cerca de 250 cristãos paquistaneses definhavam na prisão, em condições muito difíceis.^[18]

Para os cristãos que ainda vivem no Paquistão, as constantes ameaças pesam sobre eles como consequência das leis da blasfêmia e do extremismo muçulmano. Em 15 de abril de 2015, Nauman Masih, um rapaz de 14 anos, morreu com ferimentos graves no Hospital Mayo, em Lahore. O adolescente cristão tinha sido molhado com gasolina e incendiado cinco dias antes, em 10 de abril, por dois jovens muçulmanos a caminho da mesquita para as orações de sexta-feira. De acordo com cristãos locais, o ataque contra o adolescente poderia ter sido um ato de vingança pelo linchamento até à morte de dois muçulmanos, que mais tarde foram considerados inocentes, em Youhanabad, no distrito cristão de Lahore. Aí, um duplo bombardeio contra igrejas cristãs matou vinte pessoas em 15 de março de 2015. Para a polícia, outro motivo está por detrás da morte do adolescente.

No hospital, durante a estadia de cinco dias nos cuidados intensivos, Nauman disse que não tinha inimigos pessoais e os jovens não deram qualquer razão para as suas ações. Os cristãos na cidade veem uma ligação com o duplo ataque em Youhanabad em 15 de março. Embora o ato tenha sido realizado e reivindicado por um grupo islamita que atacou a comunidade cristã, o rescaldo do ataque – incluindo o linchamento de duas pessoas por parte de cristãos em fúria (um ato inequivocamente condenado pelos líderes religiosos cristãos) – criou um clima desfavorável para os cristãos. Para encontrar os responsáveis pelo linchamento, a polícia realizou detenções em massa no distrito de Youhanabad, detendo, encarcerando e trazendo perante a justiça centenas de jovens cristãos.^[19] Os cristãos queixaram-se da escala da ação policial comparada com situações em que cristãos são atacados e em que a reação das forças policiais é frequentemente lenta.

O Pe. James Channan, um dominicano paquistanês, encabeça o Centro de Paz de Lahore, que está envolvido em

[15] Pakistan Herald, “Conversion will not annul a Hindu marriage”, 18 de Fevereiro de 2016 (<http://www.pakistanherald.com/article/9641/18-february-2016/conversion-will-not-annul-a-hindu-marriage>).

[16] Pakistan Christian Post, “Court orders to register FIR against Muslim kidnapper of Christian girl”, 20 de Fevereiro de 2016 (<http://www.pakistanchristianpost.com/detail.php?communityid=255#sthash.ekhxEnb8.dpuf>).

[17] Eglises d’Asie, “Chrétiens persécutés: fuir ou rester?”, 15 de Setembro de 2015 (<http://eglasiemepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2015-09-15-chrétiens-persecutes-fuir-ou-rester>).

[18] Eglises d’Asie, “La Thaïlande restreint le droit de visite aux chrétiens pakistanais en détention”, 1 de Abril de 2016 (<http://eglasiemepasie.org/asia-du-sud-est/thaïlande/2016-04-01-la-thaïlande-restreint-le-droit-de-visite-aux-chrétiens-pakistanais-en-detention>).

[19] Eglises d’Asie, “Lahore: arrestations en masse de chrétiens suite aux attentats contre les églises”, 24 de Março de 2015 (<http://eglasiemepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2015-03-24-lahore-arrestations-en-masse-de-chrétiens-suite-aux-attentats-contre-les-églises>).

iniciativas pela paz, harmonia e diálogo inter-religioso. Ao falar à agência de notícias *Fides*, disse: “os cristãos condenaram o linchamento, afirmando publicamente que era um crime grave. Contudo, em várias ocasiões no passado, cristãos inocentes foram queimados vivos: tal como os ataques em massa contra o bairro cristão de Gojra,^[20] em Shantinagar,^[21] ou o caso do casal cristão queimado vivo num forno de tijolos em novembro de 2014.”^[22] A morte de Nauman Masih “mostra o nível de ódio que existe na sociedade paquistanesa. Precisamos trabalhar muito o diálogo e a harmonia entre os seguidores das diferentes religiões.” O Pe. Channan, Secretário da Comissão Episcopal para o Diálogo entre Cristãos e Muçulmanos há dezessete anos, acrescentou: “Diria que hoje em dia os cristãos estão vivendo o pior momento da sua história neste país. Discriminação, sofrimento e opressão tornam-se muitas vezes verdadeiras perseguições. Perguntamos ao Governo: onde está a justiça? Onde estão os culpados dos muitos episódios de violência sem sentido cometida contra os cristãos?”

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

Tendo em conta os inúmeros incidentes, as perspectivas para a liberdade religiosa permanecem desoladoras e estão estreitamente ligadas à situação da governação no Paquistão. Entrevistado pela Rádio Vaticano em 6 de abril de 2016 depois do ataque de domingo de Páscoa em Lahore, Paul Bhatti, irmão e herdeiro político de Shahbaz Bhatti, antigo ministro das Minorias Religiosas do Paquistão, assassinado em 2011, disse, quando lhe perguntaram sobre a situação dos cristãos no Paquistão: “Penso que a situação dos cristãos e de outras minorias está diretamente correlacionada com a situação geral do Paquistão. Se houver paz no Paquistão, os cristãos também estarão bem. Se não houver paz no Paquistão, os cristãos, que são o grupo mais frágil e mais marginalizado da sociedade, sofrem mais.”^[23]

Talvez a maior ameaça seja a pressão crescente sobre o Governo para que torne as leis da blasfêmia mais restritivas. As tentativas governamentais de regulamentar a aplicação das leis da blasfêmia encontraram forte oposição. Em

novembro de 2015, o Supremo Tribunal do país decidiu que discutir simplesmente as leis da blasfêmia não podia ser considerado como blasfêmia por si, mas na prática é impossível que alguém se envolva num debate indiferente e pacífico sobre o assunto. Em janeiro de 2016, o Conselho de Ideologia Islâmica, um órgão oficial do Governo, propôs alterar estas leis de maneira a tornar a legislação mais restritiva.

Segundo dados da polícia, o número de queixas de blasfêmia registradas nas esquadras está aumentando. Desde a fundação do Khatm-e-Nubuwwat há quinze anos, o número desses casos só na província de Punjab triplicou, alcançando um pico de 336 casos em 2014. Esse número caiu para 210 em 2015 depois de terem sido dados passos na província para restringir os procedimentos de queixa. Contudo, o fórum dos advogados está atento. Um polícia, que pediu para o seu nome não ser referido a fim de evitar represálias, disse: “Se eles ouvem que há uma queixa, os advogados vão ter com a pessoa e disponibilizam-se para tratar do caso gratuitamente.” E acrescentou: “Por vezes, acompanham as pessoas e incentivam-nas a apresentar queixa.”

[20] Eglises d'Asie, “Les autorités de l'Eglise catholique dénoncent la lenteur des poursuites engagées contre les responsables des émeutes meurtrières du 1er août 2009”, 16 de Setembro de 2009 (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2009-09-16-les-autorites-de-leglise-catholique-denoncent-la>).

[21] Eglises d'Asie, “Un haut magistrat demande pardon aux chrétiens pour les émeutes de Shantinagar”, 16 de Abril de 1997 (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud/pakistan/1997-04-16-un-haut-magistrat-demande-pardon-aux-chretiens>).

[22] Eglises d'Asie, “La mort atroce d'un couple de chrétiens pakistanais souligne l'urgence à réformer les lois anti-blasphème”, 7 de Novembro de 2014 (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud/pakistan/2014-11-07-la-mort-atroce-d2019un-couple-de-chretiens-pakistanais-souligne-l2019urgence-a-reformer-les-lois-anti-blaspheme>).

[23] Radio Vaticano, “Paul Bhatti, l'espérance d'un Pakistan guéri de l'islamisme”, 6 de Abril de 2016 (http://fr.radiovaticana.va/news/2016/04/06/paul_bhatti,_l'esp%C3%A9rance_dun_pakistan_gu%C3%A9ri_de_l'islamisme/1220786).